

consciente de suas identificações projetivas com seus personagens, revelava: *"Madame Bovary, c'est moi!"*.

A psicanálise afirmou que Fausto, Mefistófeles, Werther, Meister foram projeções ficcionais de vários aspectos do próprio Goethe. Os quatro irmãos Karamazov, projeções do eu de Dostoiévski. Acostumados ao labor literário, sabemos todos que esses fenômenos transcendem as classificações reducionistas das patologias mentais.

Em 1895, ao publicar seus *Estudos sobre a histeria*, Freud já escrevia muito bem. Sabia conduzir a narrativa. Caracterizava seus personagens e estruturava o enredo dos casos clínicos com segurança. Prendia a atenção do leitor, fazendo-o elemento ativo e participante do desenvolvimento das teorias que defendia. O "leitor intruso" dava graça e vivacidade a seu ensaio.

A *interpretação dos sonhos*, publicada em 1900, é a primeira tentativa de sistematização de sua doutrina. Sua leitura é agradável. O fluxo narrativo está sob total controle do autor. Ele usa o tempo a seu favor. Passado e futuro não são categorias cronológicas, mas um "antes" e um "depois" na ordem da narrativa. Parece influenciado pela leitura de Sterne, ao modo de Machado de Assis. Parte dos detalhes surpreendentes para, em circunvoluções interpretativas apoiadas em convincente humanismo, traçar seus claros labirintos. Um caminho de verdades peculiares - suas próprias, singulares verdades - entre tantos outros caminhos possíveis à construção literária. Apenas ele não reconhecia o papel de sua própria criação na elaboração de suas teorias.

Em 1909, ao proferir uma notável série de conferências na Universidade de Clark, nos Estados Unidos, afirmou com orgulho que a inspiração literária era "o fator inconsciente da criação". Esclareceu, surpreendido, que os sonhos fantasiados pelos escritores para seus personagens ficcionais pareciam seguir as mesmas regras observadas nos sonhos verdadeiramente sonhados.

Na época, Freud já trabalhava com a técnica de associações livres que tanto facilitou seu trabalho de ensaísta. Adquiria a maestria da associação, dissociação e recombinação - a marca do espírito literário. Utilizava o processo criador em sua seqüência completa. Desde a "inspiração" até as sucessivas revisões que, no caso de alguns escritores, conformam a parte genuinamente criadora.

É este era o seu caso. Freud era um escritor incansável.

Com o enorme talento de conferencista - quando cada vez mais, envolvia o público no desenvolvimento do assunto com comentários desafiantes e sedutores -, proferiu palestras na Universidade de Viena nos verões de 1915 a 1917. Esse material foi depois publicado (em 1932) sob o título *Novas contribuições à psicanálise*. Os dois últimos parágrafos dessa obra discutem a questão da *Weltanschauung* (visão-do-mundo) da psicanálise. Afirma que sua doutrina não está em posição de criar uma *Weltanschauung* própria. Por pertencer à ciência, adota a visão científica "que se limita à verdade e rejeita a ilusão". Ainda não parecia dar-se conta do papel da criação literária em seus escritos. A formação científica o impedia de considerar o mágico poder da arte que invadia os meandros de sua alma, inundando-lhe a obra.

A partir de 1913 dedicou-se mais especialmente a escrever. Da tentativa de compreensão dos grosseiros fenômenos histéricos, Freud passou a interpretar materiais oníricos. Agora quer entender o mundo a

partir das suas premissas doutrinárias. Escreve cada vez melhor.

Reservo aqui alguns instantes para falar de uma novela, talvez destituída de maior brilho, que deixou Freud profundamente transtornado. Ele dedicou páginas inquietas e intrigantes à sua análise.

Trata-se da obra de W. Jansen, publicada em 1907 chamada *Gradiva*.

Logo no início de seu trabalho sobre ela, Freud fala com simpatia dos literatos, sem se dar conta que era um deles:
(...) *valiosíssimos aliados, cujo testemunho deve estimar-se muitíssimo, pois soem conhecer muitas coisas existentes entre o céu e a terra e que nossa filosofia sequer presume. Na psicologia, sobretudo, acham-se muito acima de nós outros, pois bebem em fontes que ainda não logramos tornar acessíveis à ciência. (O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jansen)*

Gradiva é história de um jovem arqueólogo - com quem Freud se identifica - que, ao contemplar um baixo-relevo em um museu de Roma, apaixona-se pelo passo da mulher ali representada. Volta para a Alemanha com uma cópia em papel da peça. Passa a fazer fantasias sobre a moça, que situa como moradora de Pompéia. A *rêverie* encorpa-se e Norberto - este era o nome do arqueólogo - dá nome a sua adorada: Gradiva, aquela que avança, anda. Confere-lhe uma ascendência. Garante-lhe moradia. Passa a ter uma "existência delirante" em torno da eleita. Decide voltar à Itália. Em Pompéia, depara-se com a aparição de Gradiva. Para surpresa de todos, ela fala alemão. Usa roupas do começo do século XX. Tem o mesmo passo elástico da jovem do baixo-relevo. Em uma série de encontros, ela trata "psicanaliticamente" seu apaixonado. Faz interpretações corretas e oportunas. Norberto era, simplesmente, seu vizinho e amigo de infância. Os dois haviam tido um namoro cuja lembrança havia sido enterrada pelo arqueólogo nos confins da memória. Mas estava viva e saltitante na mente da moça saudável e inteligente.

A novela se enriquece com um universo de pequenos detalhes sutis, delicadíssimos, que em tudo se assemelha às minudências pinçadas por Freud nas suas interpretações. Ele se questiona como o escritor, desconhecendo as regras psicanalíticas, pode descrever o desenvolvimento e cura de uma "neurose". Intrigado, envia um emissário para conversar com Jansen. Profundamente ofendido, o velho novelista responde:

Minha obra não tem outra fonte senão a de minha própria fantasia. Os que não encontrarem nela um gozo estético, não terão outra coisa a fazer senão abandonar sua leitura. (O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jansen)

Jansen faleceu pouco depois, em 1911. Estudos póstumos revelaram que suas novelas anteriores (*A sombrinha vermelha*, *A casa gótica*, entre outras) mantinham o mesmo padrão temático e estrutural de sua controvertida *Gradiva*.

Em 1930 Sigmund Freud recebeu, com muito orgulho, o Prêmio Goethe de Literatura. Seus pares fizeram-lhe justiça. Na ocasião, comentou:

Creio que este é o clímax de minha vida.
Em 1939, ano de sua morte, Freud publicou *Moisés e o monoteísmo*. Seus biógrafos afirmam que se identificava com o velho patriarca. Aquele que não conseguiu chegar à Terra da Promissão. Ouso ir um pouco adiante. Para Freud a Terra Prometida era a posteridade.

Em 2004, Harold Bloom (em *Onde encontrar a*

sabedoria?) classifica a obra de Freud junto com a de Proust como as melhores representantes da literatura sapiencial do século XX. Proust desenha toda uma teoria psicológica da memória. No entanto, nunca ousou ou pretendeu sistematizá-la. Freud desejou influenciar a psicologia com a mesma força com que Darwin marcou a biologia. Não conseguiu. Como afirmou Bloom:

A literatura preferiu alinhá-lo ao lado de Platão, Montaigne e Shakespeare, e não ao lado dos cientistas que ele, expressamente, buscava emular.

Como quase todo escritor, Sigmund Freud preocupou-se vivamente com o julgamento da posteridade. Morreu como um escritor. Aliás, viveu e morreu. Mesmo que nem sempre disso tenha tido clara consciência. É justa - justíssima - a homenagem prestada, hoje e aqui, por seus pares, ao tempo dos cento e cinquenta anos de seu nascimento.

* Texto lido na Academia Brasileira de Letras em mesa-redonda comemorativa do sesquicentenário do nascimento de Sigmund Freud (Rio de Janeiro, 11 de maio de 2006).

*Historia
do
movimento psicanalítico*
Autobiografia
*Estudos sobre
a histeria*
*A interpretação
dos sonhos*

